

1.º Anno

Fevereiro de 1886

N.º 6

O LIVRE EXAME

REVISTA MENSAL

ORGÃO DO CENTRO DE LISBOA

DA

Associação propagadora do livre pensamento

SUMMARIO

- OS LIVROS SAGRADOS DO CHRISTIANISMO E O LIVRE EXAME, por *Teixeira Bastos*.
FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE, por *A. Silva*.
A MORAL RELIGIOSA, por *Carrilho Videira*. — A TOLERANCIA, por *Silva Lisboa*.
QUEM DÁ AO PAPA? por *Agostinho Gonçalves Ramos*.
OS JESUITAS EM BARCELLOS, por *Eduardo d'Almeida*.—REGISTOS CIVIS.

LISBOA

TYPOGRAPHIA LUSO-BRAZILEIRA

5, Pateo do Aljube, 5

1886

OS LIVROS SAGRADOS DO CHRISTIANISMO E O LIVRE EXAME

IV

Os Actos dos Apostolos, as Epistolas e o Apocalypse perante a critica

Os Actos dos Apostolos, attribuidos pela Igreja a S. Lucas, as Epistolas de S. Paulo, de S. Thiago, de S. Pedro, de S. João e de S. Judas e enfim o Apocalypse de S. João, formam com os quatro Evangelhos, os livros canonicos que compõem o Novo Testamento, e que são as fontes principaes da historia do Christianismo nos seus primeiros tempos.

Como vimos, nenhum dos Evangelhos pode ser considerado como documento apostolico, ou pelo menos digno de inteira fé, como escripto em época em que ainda vivessem testemunhas oculares da existencia de Jesus. São todos obras posteriores, devendo terem sido redigidos, os tres primeiros na primeira metade e o ultimo na segunda metade do seculo II. Terão tanta authenticidade as outras partes do Novo Testamento?

É o que passamos a verificar.

De todos os livros do Novo Testamento o mais facil de precisar a data do apparecimento, é sem contestação o *Apocalypse*. Todos os criticos affirmam não só que foi escripto antes da ruina de Jerusalem, mas mesmo dois annos antes, em 68 da nossa era, durante os poucos mezes que Galba dominou o imperio romano. A escola do Tubingue crê que elle seja com effeito do apostolo S. João. O estylo do livro, inteiramente no gosto judaico, assemelha-se ao dos livros de Daniel, de Hénoch e quarto de Esdras, dos quaes só o primeiro figura no Velho Testamento.

Eis os fundamentos intrinsecos para fixar a data do *Apocalypse*: «Sete reis são representados pelas sete cabeças do animal; os cinco primeiros cahem, o sexto ainda vive, o septimo não chegou, e quando vier é preciso que fique pouco tempo. Em seguida um dos sete voltará e será o oitavo (xvii, 9-11). As cinco cabeças cahidas são visivelmente os primeiros im-

peradores romanos, de Augusto a Nero. Nero, que morrera, é a cabeça ferida de morte, mas cuja chaga mortal está curada (xiii, 3). Todos duvidavam, com effeito, da morte d'este imperador; os christãos criam que voltaria á vida por milagre, e esperavam vel-o voltar do Oriente, onde passava por se ter refugiado, sob a fórma do Antichristo. O sexto rei, que vivia no tempo em que o *Apocalypse* foi escripto, não pode ser portanto senão Galba, que reinou de junho de 68 a janeiro de 69 depois de Jesus Christo.»¹ Ora não só n'essa época, ainda podia viver o apóstolo João, approximadamente com 60 annos, mas todo o *Apocalypse* revela no seu auctor um character plenamente de accordo com o que attribuem a S. João, tanto os Evangelhos synopticos, como outros livros do Novo Testamento. João era um dos tres chefes da nova religião; Pedro e Thiago irmão de Jesus, eram os outros dois. Presidiam ao movimento judeu-christão, na sua fórma mais primitiva e mais egoista, a que repelia do seu seio todos os estrangeiros, quer Samaritanos, quer Gentios. Eram os adversarios devididos do proselitismo de S. Paulo, aos quaes elle se refere ironicamente na sua epistola aos Galatas (ii, 9). O *Apocalypse* investe rudemente contra o apóstolo dos pagãos e do primeiro ao ultimo versiculo respira sómente odio e colera. Pode, portanto, crêr-se verdadeira a tradição que o attribue a um dos *Bouargès* ou filhos do trovão (Marcos, iii, 17), que propunham a Jesus que fizesse descer o fogo do céu sobre uma cidade de Samaria que não os quizera receber (Lucas, ix, 54) e para os quaes a mãe pedia a Jesus os dois primeiros logares no reino do Messias (Matheus, xx, 20 e seg.) Ireneu, occupando-se da interpretação do *Apocalypse*, evoca o testemunho dos que ainda haviam conhecido o proprio João.²

Das Epistolas, tres passam por ser de João na collecção canonica; duas d'ellas são extremamente curtas e nada importantes; a outra, a mais importante, tanto sob o ponto de vista doutrinario, como sob o ponto de vista exterior, é de uma authenticidade tão duvidosa como o proprio Evangelho a que de ordinario anda ligada. Esta principalmente, tem chamado a attenção dos criticos, que a regeitam pelos mesmos motivos porque negam a authenticidade do Evangelho. Não concluem, porém, que a Epistola e o Evangelho, sejam da mesma penna. Strauss, julga a Epistola de um espirito inferior ao do evangelista, mas nem por isso a attribue ao apóstolo. Eusebio diz que Papias citou essa Epistola, assim como a 1.^a de Pedro; mas ignora-se se com effeito Papias a cita expressamente como sendo de João, ou se a semelhança de expressões ou de ideiãs levou o mais antigo historiador do Christianismo a essa conclusão. A referencia de Eusebio não é bem clara.³ Como quer que seja o que parece fóra de duvida

1 Strauss, *Nouv. vie de Jesus*, vol. i, pag. 94.

2 Vid. Strauss, ob. cit. pag. 86, 91 a 94, 98, etc., — A. Coquerel Fils *Des Premières Transf. hist. du Christ.*, p. 63.

3 Strauss, ob. cit. p. 77.

é que a Epistola não teve por auctor o visionario israelita do *Apocalypse*.

A Epistola de Thiago, irmão de Jesus, também se suppõe authentica, por pertencer á mesma corrente judaisante a que pertence o *Apocalypse*, isto é ao Christianismo primitivo, que cria na proxima volta de Jesus para julgar com dura severidade os mortos e os vivos. E' mais de israelita do que christão e coaduna-se perfeitamente com as noções que possuímos do character d'este irmão de Jesus, que, como os outros tres, muito tarde e só depois da sua morte aceitou a sua religião e ainda assim sob o estreito ponto de vista do judaismo. Luthero tratou sempre com desdem esta Epistola a que chamava *epistola de palha*. No entanto é um dos monumentos mais antigos e mais curiosos do Christianismo. ¹

Do terceiro chefe do Christianismo judaisante, o apostolo Pedro, encontram-se no Canon duas Epistolas, mas a critica moderna só reconhece como authentica a primeira, aquella já citada por Papias, segundo Eusebio na sua *Historia Ecclesiastica*. A segunda Epistola é um dos escriptos mais modernos do Novo Testamento, datando indubitavelmente dos fins do seculo II. ²

Entre os monumentos mais antigos da sociedade christã occupam lugar eminente as Epistolas authenticas de Paulo, na realidade o fundador do Christianismo, pois que sem a sua propaganda fervorosa, e a transformação por que fez passar as ideias de Jesus, teria tido a seita dos christãos, como tantas outras que brotaram do seio do judaismo, uma vida ephemera e curta. As suas Epistolas principaes sob o ponto de vista dogmatico, admittidas por todos os criticos como authenticas, são as que foram dirigidas aos Romanos, aos Corinthios e aos Galatas, a ultima das quaes, segundo Coquerel, «ficará para sempre o manifesto glorioso e ardente da liberdade christã.» ³ Sobre a authenticidade de outras ha bastantes duvidas, como a dos Hebreus de data incerta.

Só nos falta acrescentar duas palavras sobre os *Actos dos Apostolos*, soberbamente analysados e estudados por Zeller. ⁴ Como se sabe, esta obra passa por ser a continuação do Evangelho de Lucas. Que o auctor não foi companheiro de Paulo, não resta já a minima duvida. Por isso estando posta de parte a auctoridade do evangelista, e sendo os *Actos dos Apostolos* da mesma penna, perdem estes também muito do seu valor historico. Porém, pelos trabalhos criticos de Zeller sabe-se incontestavelmente que o auctor, o supposto Lucas, completou, modificou e alterou, com o fim de reconciliar os judeu-christãos com os paulistas, uma obra mais antiga que exaltava os chefes do christianismo judaisante ou a pri-

1 Coquerel, ob. cit., pag. 64.

2 Strauss, ob. cit., pag. 65 e 79, Coquerel, ob. cit. pag. 103.

3 Ob. cit., pag. 83.

4 Estudos crit. sobre o contheudo e a origem dos Actos dos Apostolos, cit. por Strauss.

mitiva Igreja de Jerusalem. «O objecto do escriptor foi egualar Paulo em dignidade aos primeiros apóstolos e nomeadamente a Pedro, fazer este mais paulista e outro mais petrista do que na realdade haviam sido, e em fim supprimir nas suas relações todo o vestigio de attricto ou de hostilidade.»¹ Assim dando-se o devido desconto, podem-se ainda aceitar como um valioso subsidio para a historia dos primeiros tempos do Christianismo os *Actos dos Apóstolos*, da mesma fórma que se aceitam com certas reservas os *Evangelhos synopticos*.

Dos livros do *Novo Testamento* os mais antigos, e portanto os mais dignos de confiança aos olhos do historiador, são incontestavelmente o *Apocalypse* e as Epistolas authenticas de Paulo. A Epistola de Thiago e a primeira de Pedro, muito menos importantes do que aquelles documentos historicos, veem em seguida. Só depois d'estes figura pela sua antiguidade, o *Evangelho de Matheus*, o primeiro em data e em valor dos synopticos.

TEIXEIRA BASTOS.

¹ Straus, ob. cit., pag. 158.

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Nas discussões que temos com os ultramontanos, reaccionarios, e outros de igual jaez, quando acossados pela veracidade mordaz dos nossos argumentos sentem ir perdendo terreno, é frequente então ouvil-os vociferar: Sois uns atheus, uns herejes, não tendes fé! E essa phrase determinante, decisiva, sacramental, mais ou menos ornada segundo a erudição dos nossos antagonistas que empregam como apagador ou ponto final nas questões. Não ter fé, eis o nosso grande mal. E elles a dizem com uma tal convicção, n'um tom significativo de piedade christã, como se de antemão vissem as nossas almas abrazadas no fogo do inferno.

É um dom preciosissimo, e tão raro nos tempos que vão correndo, que na verdade é para lastimar os desgraçados que o não possuem. Todavia, nós, ao contrario d'elles, exultamos porque nos consideramos verdadeiramente felizes em não possuir esse thesouro das boas graças do Altissimo.

Entendemos que a essa confiança nos dogmas da Igreja, cega, sem criterio, nem livre exame, escravizando a intelligencia humana, e submettendo-a a doutrinas dos primeiros seculos da Igreja, escriptas por ignorantes, devemos oppôr o espirito do seculo, forte pela voz da razão e pelos conhecimentos scientificos que prefere, a todas as ficções, fabulas e lendas.

A fé é uma virtude sobrenatural, um dom de Deus, que faz a nossa alma abraçar com convicção as cousas reveladas, não pela razão de sua verdade intrinseca examinada á luz do raciocinio humano; mas por causa da auctoridade que as revelou. A sciencia é um facho que illumina a nossa razão, que guia os nossos passos explicando-nos os factos, e atirando para longe os mysterios enervantes em que se esconde a religião.

A fé é immovel, a sciencia é progressiva.

Nós preferimos a sciencia. Mas objectar-se-ha: Sendo a fé um dom de Deus, e este sendo a verdade, devemos concluir que a fé é verdadeira, e como tal merecedora da nossa acceitação. Para destruir este argumento,

façamos por um momento desfilar deante de nós todo o cortejo dos que se guiam pela fé. Já assomam os primeiros grupos. São os que na terra dos Pharaós eram escravos, oprimidos pelos mais duros trabalhos, e que libertos por Moysés, foram depois um povo poderoso. Por elle Jehovah, obrou maravilhas.

Os penedos aridos brotaram jorros d'agua cristalina; as ondas do mar Vermelho aplanaram-se e solidificaram-se; do ceu cahiu o maná para saciar a fome, e pedras para esmagar os inimigos; as nuvens desceram durante o dia para attenuar os raios do sol; de noite appareceram columnas de fogo para dissipar as trevas. Hoje porém nada lhes resta d'esses prodigios senão a recordação e a esperança, filha da fé, em que o Messias ha de vir para os livrar do opprobrio, e restituir-lhes a primasia sobre os demais povos. Após estes, os discipulos de Luthero e de Calvino vem psalmodiando, e a sua fé em Christo filho de Deus, que morreu n'uma cruz, e o derramamento do seu sangue como unico meio de salvação da humanidade, lhes dão coragem e incitamento, para procurar implantar as doutrinas do christianismo em toda a sua pureza primitiva. E logo seguem ostentando galas, distribuindo bullas, bentinhos, e colhendo em troca dinheiro e preciosidades, os sequazes do bonzo de Roma.

São os infalliveis, os adoradores de imagens, os amigos dos confessionarios, os que teem fé não sómente nos merecimentos do filho de Deus; mas na *Virgem-mãe*, e em todos os santos e santas da corte celestial. Finalmente, vêem os que teem fé em um Deus todo-poderoso e omnipotente, e consid ram Christo não como divino, mas puramente humano, e propheta como Moysés.

Todos estes que vimos de apresentar, e note-se que o fizemos na generalidade, não examinando as minuciosidades doutrinarias de cada um dos grupos, se dizem ser guiados pela fé, depositando n'ella toda a confiança; porém todos têm crenças diversas e guerream-se mutuamente. Cabe agora perguntar: merece a fé a nossa consideração? Pode ella ser nossa guia?

Provindo de um Deus—verdade, será ella expressão d'essa verdade, convencendo o judeu de que as prophcias do Christo ainda não se cumpriram, ao contrario das crenças do protestante e catholico romano? E estes que dizem ser o Christo filho de Deus, não são combatidos pela fé dos mahometanos que negam essa filiação, e por consequencia a sua divindade? Portanto julgamos ter evidenciado exuberantemente o que vale a fé, quando ella domina a razão.

Consequencia da fé, a segunda virtude theologal a esperança, segue a derrocada da primeira.

Resta-nos a caridade. Esta é indubitavelmente superior a todas as outras virtudes.

No edificio da salvação christã é a fé os fundamentos, a esperança a elevação, a caridade a cupula. No evangelho encontram-se estas palavras

do Christo. «Guardae-vos de fazer a vossa esmola deante dos homens, para serdes vistos por elles; aliás não tereis galardão junto de vosso pae que está nos ceus. Quando pois deres esmola, não faças tocar trombeta adiante de ti, como fazem os hypocritas nas synagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita: para que a tua esmola seja dada occultamente, e teu pae que vê em segredo, te recompensará publicamente.» Temos na actualidade, muitos d'estes hypocritas de que falla o Evangelista. Não é raro ouvir a voz da imprensa entoar louvores, aos que se lembram esmolar os necessitados, não com o fim humanitario de lhes aliviar os soffrimentos, mas para que sejam apontados como benemeritos, e receberem assim a estima e admiração do mundo.

Tambem não é raro que, para celebrar alguma festividade religiosa ou algum acontecimento fausto, se annunciem solemnemente os grandes bôdos, onde os pobres comparecem obrigados pela necessidade, como comparsas de opera de grande apparatus, apresentando publicamente a sua miseria, ao som das musicas e do estalar dos foguetes, tudo isto afim de, com a sua baixeza, levantarem bem alto os nomes dos caridosos promotores, que a maior parte das vezes seguem aquelle velho rifão popular, que diz: a caridade bem ordenada por nós é começada. Só o bom christão pratica a caridade como Christo, seu mestre, a ensinou. Porém se considerarmos que para o mesmo christão, o mundo terrestre é apenas um lugar de passagem, um valle de lagrimas, que bem depressa se deixa para gosar eternamente os prazeres do ceu, sua verdadeira patria; e se considerarmos tambem, que se promettem aos caridosos n'essa outra vida o goso dos thesouros, que pelas boas obras tem amontoado; e estas e outras palavras consoladoras de Christo: «vinde bemditós de meu pae possuir por herança o reino que desde a fundação do mundo vos está preparado; porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber, etc.»; assistenos o direito de perguntar, se o christão exercendo um acto caritativo o faz por amor de Deus e do proximo, ou com o desejo de se purificar, abluindo-se pela caridade.

Sómente o livre pensador, praticando um acto humanitario não se preoccupa com as louvaminhas dos homens, não só porque a sua instrucção e dignidade, o collocam acima d'essas vaidades; mas tambem porque cumpre um dever, e por esse motivo sem jus a louvores. Tão pouco se preoccupa com as promessas de Deus, porque não admite essa entidade abstracta, em acto algum da sua vida.

A MORAL RELIGIOSA

Todas as religiões instituem a esmola como uma das mais elevadas missões sociaes. Pode mesmos dizer-se que é esta a base de toda a moral religiosa.

No entanto não ha maior aberração do bom senso; doutrina alguma é mais funesta á razão e á verdadeira moral.

A esmola humilha quem a recebe e degrada quem a dá.

Foi sob este mesmo ponto de vista que todos messias e delegados de *Deus* cá á terra a instituiram. Desde Moyses a Mafoma, o mais recente de todos os grandes instituidores de cultos, nenhum só deixou de reconhecer a existencia de pobres e ricos, de senhores e escravos.

Bem meigo e humanitario era o Christo e todavia este mesmo limitou-se a pedir aos senhores que fossem compassivos, que amassem o proximo, mas nunca contestou a soberania do homem sobre os seus semi-lhantes, reconheceu-a, acatava-a.

Leia-se o Novo Testamento, cada discipulo, por si, confirma o que deixamos mencionado.

O meu reino não é deste mundo, e allucinado por este absurdo inaudito soffreu tudo, incluso a crucificação, com que remattou os trabalhos, consolidando a mais sympathica de todas as mysticas immortalidades.

Mas a egualdade humana, isto é, se Christo não reivindicou para os homens os direitos naturaes, que só um concilio de eleitos do povo, em 1789 conseguiu promulgar, clamou a bom clamar contra os ricos, e affirmou que seria mais facil atravessar um camello pelo fundo d'uma agulha do que um rico merecer as boas graças do padre eterno.

Entretanto Christo, como judeu que era, não tinha a noção exacta do trabalho, nunca recommendou aos povos que pensassem e produzissem, mas tão sómente que orassem e se amassem.

Em que estado não estaria hoje a humanidade se as doutrinas de Christo preponderassem?! e o diabo, felizmente para o genero humano, revoltou-

se contra Deus e todas as conquistas sociaes, a chimica, a medicina, a physica, a astronomia, nas suas multiplas applicações, como a imprensa, a gravidade, o vapor, a eletrecidade, etc., combatidas por todas as egrejas, ahí surgiram, engrandecendo a especie, nobilitando o trabalho.

Para os grandes, porém, príncipes, sacerdotes e crentes, o trabalho é uma degradação, é o estygma a que o creador condemnou as multidões ignoras ou parias.

Estas, seguindo o preceito do *divino mestre*, dão esmola e vangloriam-se mesmo de pedir para dar. A sua vaidade compraz-se em ver curvado perante elles alguém que necessite, que córe e se proste, e inclusivamente chore, para terem o prazer de o consolar. Não se attende ao aviltamento reciproco das duas posições, por isso que o rico não deve ser considerado senão como mero depositario da riqueza que é de justiça propriedade social.

Os esforços de um homem, por maiores que sejam, nunca podem coisa alguma isolados.

É preciso que muitos trabalhem para que um accumule riqueza e, supposto isto, pertence essa riqueza á comunidade toda que a produziu e não ao possuidor, que hoje usa e abusa d'ella alvar e iniquamente, sem a mais leve noção de sua missão e responsabilidade sociaes.

Mas se o rico se degrada dando esmola o pobre avilta-se pedindo-a, perde a noção da dignidade humana, que se exprime pela palavra fraternidade. A educação não deixa o pobre e ignorante medir bem a profundidade do abysmo que se abre entre o que pede e o que dá.

Os servos e escravos d'hontem estavam profunda e mentalmente embrutecidos, para que a luz da razão surgisse a illuminar-lhes a consciencia de verdade.

Mas os proletarios d'hoje, não só já o que estuda no gabinete, mas até o que moureja na officina e rompe as entranhas da terra, tem já a intuição que o mundo pertence aos homens em geral, é propriedade da comunidade, e por isso aspira á eliminação dos privilegios de familias, de castas e classes.

A posse de um é uma usurpação contra os seus eguaes.

Se os que possuem hoje a riqueza social se compenstrassem da sua grandiosa missão e a applicassem os seus haveres a fomentar a produção, interessando e tornando com participes dos lucros os que só para si e para os seus caprichos trabalham, o problema da miseria não ostentaria, como actualmente mostra em Londres, e hade em breve exhibir em toda a parte, as scenas naturaes e legitimas, mas profundamente tristes da raptagem selvagem.

A sociedade caminha presentemente para um conflicto horrendo, que só o principio da solidariedade humana pode harmonisar. Aos que tem fome não se lhes pode dizer que aguardem. Os que tem medo e ambição não querem ouvir os gemidos dos que reinvidicam um pouco de justiça

e equidade. Como porém estes são poucos e aquelles muitissimos, como porém estes são o capricho e o arbitrio e aquelles a necessidade e a razão, estes constituir-se-hão em força e como sempre hão-de vencer logo que se pozerem ao serviço da ideia verdadeira e pratica.

A moral religiosa mandava orar e obedecer. A moral social porém manda insistir e trabalhar para se implantar no mundo, a solidariedade humana, unico ideal justo, equitativo e duravel.

CARRILHO VIDEIRA.

A TOLERANCIA

(CONCLUSÃO)

É bom ser tolerante, mas não é tolerante quem quer. É bom tolerar, mas o que seja toleravel.

A imprensa democratica portugueza tornou-se ré de irreflexão, de inconsequencia, por não ter attendido a estas verdades tão intuitivas e tão simples, antes de se determinar a sahir, pelo pregão da tolerancia, de uma situação embaraçosa.

Antes de fazer da tolerancia um recurso de occasião, antes de arvorar-a emphaticamente em artigo de fé de jacobinismo sentimental, cumpria-lhe examinar o expediente sob os seus variados aspectos, e convencer-se, o que lhe seria facil, de que elle era inadmissivel e insustentavel tanto em these como na hypothese.

Muita gente, que vê produzirem-se e passarem quasi sem reparo estes factos, de um alto valor para a apreciação do estado mental da nossa sociedade, sente invadir-lhe o espirito uma tristeza infinita, ao calcular o enorme peso, que ha ainda que levantar de sobre a consciencia popular, quando os que pensam, os que estudam, os que tem dever de dirigir e illuminar, se não atrevem a desvendar os seus pensamentos, nem a fazer participar a multidão do fructo dos seus estudos.

Porque a consciencia popular, evidentemente desolada, e ávida, apesar d'isso ou por isso mesmo, de luz e ensino novo, sabe, na sua rudeza, considerar, que não se é medico para poupar a doença, que não se é apóstolo de uma religião nova para ir sacrificial-a sobre os altares sujos e esboroados da antiga, em holocausto á tolerancia.

É preciso caminhar sereno mas firme, sem parar para escutar o que se murmura em volta, e sobretudo sem olhar para traz, porque é mais frequente e vulgar do que poderia pensar-se o desastre da mulher de Loth.

Ante as audacias cada dia mais irritantes da exploração religiosa, co-

mo quem diria—da bestificação ao divino—, um fremito de indignação passou fugitivo, momentaneo, pela adormentada consciencia publica. Esse fremito reflectiu-se na imprensa republicana,—acreditemos que foi um reflexo apenas—, e d'ahi surgiu a ideia d'uma associação *anti-clerical*.

—Desconfiai do primeiro impulso, porque é sempre o melhor—dizia Talleyrand.

Os nossos republicanos dirigentes lembraram-se a tempo do conselho do famoso diplomata, e passados dias, a tal associação, que fôra no primeiro impulso baptisada de *anti-clerical*, apparecia, ou antes desapparecia, rebaptisada de *anti-jesuitica*.

Este epitaphio escreveu-lh'o a tolerancia.

Porque?

Deixemos os porquês, que poderiam ser ainda peores do que o facto em si.

O facto é que por aquella simples evolução, de que a tolerancia foi o pretexto, a nossa democracia militante, que já tinha direitos bem affirmados ao titulo de catholica, ficou sendo tambem clerical; uma democracia *sui generis*, pequenina, indigena, confessada, boa para vestir capa nas procissões, e para aspirar honestamente aos cargos das irmandades e confrarias do seu sitio; boa sobretudo para fazer sorrir maliciosamente os padres priores em vespêras de eleições.

Esta democracia, assim trajada e afeiçãoada, não sente o menor agravo contra o clericalismo, contra a egreja, contra a exploração religiosa, contra o obscurantismo, contra a superstição, contra a ignorancia e o embrutecimento propinados pela religião a nove decimas partes da familia portugueza.

Todas as suas iras, todos os seus arremessos, todos os seus rancores—rancores aliás isoffensivos—são contra o jesuita.

Tirem-lhe d'ahi o jesuita, e nada mais, n'esse capitulo, a incommodará.

Tirem o fructo nocivo, e deixem a arvore innocente.

* * *

Não é assim, todavia, que deve encarar-se a questão.

Não é assim que a Sciencia—de quem a verdadeira democracia não pode affastar-se sem se desnaturar—a manda encarar.

Não é assim que a teem encarado os homens e as nações, que teem uma comprehensão clara e intrepida do estado dos espiritos.

Um homem, cujo busto poderoso ficará encimando sempre a época que o admirou, soltara um dia o grito:— O clericalismo, eis o inimigo!—

Este grito, como todos os que correspondem a um anseio ou a um soffrimento universal, encontrou na consciencia dos povos uma resonancia larga e profunda, que se não extinguiu nas fronteiras da França, nem se extinguirá nas fronteiras do seculo.

Quer isto dizer que nós defendamos a jesuita? Que pretendamos iliberal-o dos seus crimes, para lançar tudo a cargo da Igreja?...

Por nenhuma forma.

O jesuita é, sem duvida, o mais odioso producto actual do sobrenaturalismo politico-religioso que avassala a familia humana ha dezenas de seculos; mas posto em frente do clericalismo, não é elle mais do que um accidente teratologico da secular doença, que afflige a humanidade, uma verruga, monstruosa, se o querem, mas facilmente eliminavel do organismo social.

A extincção do jesuitismo é obra facil dos governos desde o dia em que os governos sejam dos povos e não dos reis.

O grande inimigo, o inimigo ainda hoje formidavel, apesar do movimento geral de afastamento que no silencio das consciencias se vem produzindo contra elle, o inimigo contra quem hoje ainda nada poderia a acção dos governos, e pouco valeriam leis, é o clericalismo, é a Igreja;— porque o não diremos?

É a Igreja, que ha 14 seculos lucha, braço a braço, hora a hora, palmo a palmo, com a sciencia, com o progresso, com a civilisação.

É ella, a ferina e implacavel intolerante, que não tem poupado meios ainda os mais odiosos, que não tem hesitado ante as mais horriveis atrocidades, ante as carnificinas mais espantosas, para conservar sobre a cerviz dos povos embrutecidos o seu jugo de sangue e trevas.

É ella, que, pela sequencia ininterrupta das suas luctas e das suas devastações, se tinha tornado já a maior calamidade, que assignala a historia, quando do cerebro de Loyolla sahiu o dragão do jesuitismo.

Foi ella que o acalentou, foi ella que o armou de garras, foi ella que o acarinhou e fez medrar como o filho querido dos seus rancores anti-humanos.

E é perante ella que hade curvar-se ainda hoje a democracia, n'uma genuflexão de tolerancia?

Não o faremos nós, que não temos aqui nenhuma conveniencia de momento, a que attender, nem conhecemos interesses de occasião, que possam sobrepôr-se aos deveres que nos impõe o nosso credo.

Não desconhecemos por certo que seria imprudencia, loucura quasi, pretender arrancar de golpe o terrivel escalracho, que tão fundo se arrei-gou na entenebrecida consciencia popular. Sabemos o que é preciso deixar ao tempo, ou, como mais se usa dizer, á evolução; sabemos o que é forçoso tolerar.

Mas ha, para nós ao menos, uma distancia enorme, um verdadeiro abysmo, entre tolerar um inimigo enquanto se não consegue derribal-o, ou toleral-o como um mal necessario, que nos confessamos impotentes para combater.

É aqui que convem accentuar bem claramente o nosso pensamento, porque é n'essa differença, talvez para muitos inapreciavel, que reside a

imprudente irreflexão dos nossos democratas, no assumpto a que alludimos.

Não nos incommoda ver que a nossa democracia combatente passe, sem largar as armas, ao lado do clericalismo, e finja não o notar.

Mas pesa-nos ver que ella venha assestar em frente d'elle as suas baterias ruidosa e publicamente, para em seguida fazer meia volta, e retirar-se murmurando, como uma consolação á propria consciencia:—Não somos anti-clericaes, somos apenas anti-jesuiticos.

N'aquelle caso ha a tolerancia que não compromette, a unica admissivel.

N'este ha um verdadeiro acto de submissão, que offende os principios.

Tal é a nossa opinião sobre esse triste caso, opinião que aqui deixamos exposta talvez rudementé, mas sinceramente, porque não receamos os odios dos senhores clericaes, nem quereríamos nunca fazer obra com os seus votos.

SILVA LISBOA.

QUEM DÁ AO PAPA ?

Eis o grito com que a clericalha das aldeias, explorando a ignorancia que fomenta, atordôa os ouvidos d'esses pobres camponios, que na sua maioria atravessam uma existencia de miseria e de trabalho, mal ganhando para sustentar-se.

Quem mais ajuda a fazer transbordar d'ouro as arcas do *pobre* prisioneiro de Roma ? Taes são as palavras que por ordem do chefe d'essa quadrilha infame, que não contente já em embrutecer essa parte da humanidade com os *altos mysterios* da sua religião, pretende saqueal-a dos ultimos ceitis que lhes restem. Não basta imporem-nos, para vergonha nossa, nos fins do seculo XIX, uma religião official, o que constitue um crime de lesa-consciencia, senão ainda abusarem da nossa miseria, que outra coisa não é o que estamos vendo; — um abuso revoltante para o qual é necessaria a maxima attenção de todos os liberaes.

Ao mesmo tempo que estamos lendo nas folhas das provincias o que por lá vae com respeito a essa exploração do peditorio, caem-nos sobre a nossa banca de trabalho cartas de diferentes pontos do paiz, noticiandonos casos estupendos, praticados pelos homens de batina. Entre ellas apparece-nos uma de S. Pedro de Miragaya, onde se lêem as seguintes linhas que expomos á admiração e apreciação dos nossos leitores:

«Morreu esta semana uma creança chamada Palmyra, filha d'um pobre homem que lucha ha trez mezes com uma crise horrivel de trabalho, e d'uma degraçada mulher que se acha estendida em uma misera enxerga soffrendo de uma bronchite. Pois, nem por saber estas circumstancias commoventes para o mais duro coração de homem, o sr. abbade quiz passar o bilhete de enterramento, sem que adiantadamente lhe fosse paga a quantia de 500 réis!...

«Á hora em que escrevo já são decorridas quarenta e oito, apoz o fallecimento da creança, e ainda ella está por sepultar, pois que não ha n'aquella barraca senão fome e lagrimas.»

O que ahí fica basta a recommendar ao povo que encha os cofres do Vaticano!... E basta tambem para que, os que sinceramente se interessam pelo bem estar, e pelo desenvolvimento moral d'este povo, se decidam a ajudar-nos n'esta campanha em que andamos contra os agentes da religião. Não é decerto com o apoio do clero que a ideia nova ha de caminhar. Bem applicaveis ao nosso meio social, são as estas sensatas palavras de Jourdan: «A religião catholica é contraria a todos os progressos que tentem realisar as sociedades humanas».

Que se attente bem n'estes casos que se vão dando, e diga-se depois se quem tolera isto, pode acompanhar na sua marcha irradiante de luz o carro sublime do progresso. Hontem era uma creança apontando á execração publica, como seu seductor, o prior d'uma das freguezias de Lisboa; hoje é outro miseravel de cabeça coroada, impondo a uma familia o pagamento d'uma quantia que esta não possui, e qual elle vê nas agonias da fome; alem não trepida um outro caçola, em arremessar ás bayonetas dos soldados, o *pobre* santo que adorava constantemente. Aqui e alli, além e acolá, muitos factos identicos se vão repetindo.

E é no meio d'esta infrene desmoralisação regiliosa, que apparecem os amigos da igreja batendo nos á porta com lamurias de ciganos, que infelizmente ainda são escutadas pelas victimas d'um fanatismo inconsciente, querendo extorquir-nos parte do producto do nosso trabalho para recheiar os cofres do papa Leão XIII. Nós comprehendemos que o papa queira amontoar sommas enormes como o fez o seu antecessor, por que é accentuadamente egoista, a aspiração dominante do sacerdote; mas o que não podemos comprehendere é que resultado tirará um povo em sustentar esta cafila de parasitas que nos roubam desde o dia em que vemos a luz, até á hora em que nos escondemos no seio da mãe commum — a terra.

E devemos nós continuar a tolerar que nos venha pedir esmola, a nós que vivemos do fructo do nosso trabalho, quem nunca produziu coisa alguma de util, nem soube o que é miseria? Os governadores civis das cidades enviam aos calabouços da policia os desgraçados, que em crise de trabalho, estendem a mão aos que têm e devem soccorrel-os. Como admittir pois esses peditorios? É criminoso o homem util, cujos serviços por algum espaço de tempo não encontram emprego, e não o é o parasita *eterno*?

É pois necessário fazer desaparecer esse pregão infame que insulta uma cousa que por todos deve ser respeitada, a miseria.

Tenhamos sempre em vista estas palavras de Garibalde: «Toda a guerra aos padres, qualquer que seja o modo porque fôr feita, é uma obra santa.»

OS JESUITAS EM BARCELLOS

Levantou-se de novo ha dias, com um calor muito artificial, n'uma certa imprensa *anti-jesuitica* o já tão celebre phantasma do jesuitismo, a proposito de uns missionarios que em Barcellos desempenham actualmente o trabalho que a *santa madre egreja* lhes incumbiu, isto é, idiotisar por completo os cerebros já enfraquecidos e fanatisados pelas doutrinas da religião catholica apostolica romana.

A celeuma levantada tomou o character simples e ingenuo de uma questão politica sem importancia, tratada em meia duzia de linhas escriptas sobre o joelho.

É assim, pouco mais ou menos, que os jesuitas tem sido combatidos nos ultimos tempos por aquelles que se julgam seus inimigos figadaes, e que não fazem mais do que reforçar a seita por meio de ataques ridiculos.

O jesuitismo, tal qual estes senhores o consideram, é uma velha lenda sem valor algum, atraz da qual se occulta muito surrateiramente a verdadeira companhia de ascorosa memoria.

A companhia de Jesus deixou a missão de fanatisar o espirito popular incumbida a todos sectarios da egreja catholica sem distincção, e hoje já não pensa em fogueiras porque o combustivel moderno é carvão de pedra, e já não caça violentamenete as pequenas fortunas, trabalha em grande, dedicando-se quasi exclusivamente a explorar as massas em geral, a enlaçar todas as operações do alto mercantilismo com a rêde da sua sagacidade e energia. Hoje, se nos quizermos referir unica e simplesmente aos exploradores da ignorancia e da estupidez publica, teremos em cada padre um jesuita consciente ou fanatico, o que não é melhor, e em cada defensor d'estes um auxiliar mais um menos voluntario, o que é indifferente, da verdadeira seita negra — a gente do Vaticano.

A antiga companhia, transformada para sua conveniencia em alta empreza de ganancia commercial, explora de mãos dadas com a egreja de

Roma, o embrutecimento das classes productoras; não tem praça assente só no clero, espalha as suas raizes no alto militarismo, na alta finança, no alto commercio, na alta magistratura.

Os seus principaes quartéis são os paços reaes, os gabinetes dos ministros, as antecamaras dos togados de alto cothurno e até mesmo as alcôvas das grandes cortezãs. Ella já concorda até com o *espirito do seculo* em que é repellente, nauseabundo, incommodo martyrisar o corpo humano com os supplicios da gôta de agua, do borzeguim de ferro, ou da fogueira; acha mais simples, menos trabalhoso e arriscado e mais conducente ao fim que tem em vista, submitter o povo ao regimen dos syndicatos, das grandes companhias, dos parlamentos farças e dos impostos elasticos.

É exactamente por isto que, á semelhança do domador de fêras que introduz prudentemente um cão na jaula para as entreter enquanto se retira incolume, a moderna companhia vae lançando para a via publica os bichos de sacristia, quer missionarios tonsurados, quer de outro qualquer feitio, que têm a felicidade de ver pela frente uns gastos *narizes de cêra* que os atacam e defendem ao mesmo tempo e na mesma praça.

Enganam-se, pois, aquelles que julgam dar cabo da tenebrosa seita, por meio de simples protestos platonicos, ou de telegrammas dirigidos aos *valentes* amigos. A imprensa e o telegrapho são os meios seguros de combatel-a, mas é propagando por toda a parte os principios do moderno crédo e abafando por este meio seguro as velhas crenças do céo, do inferno, de Deus e do Diabo com que todos os padres vão explofando os povos ignorantes.

Em quanto houver crentes religiosos, haverá fanaticos; em quanto houver fanaticos, haverá jesuitas. Para combater os ultimos não ha outro caminho a seguir senão illustrar os primeiros.

EDUARDO D'ALMEIDA.

REGISTOS CIVIS

FEVEREIRO

LISBOA: 1.º bairro — Casou no dia 8, n'esta administração, o sr. João Cardoso, proprietário em Samora Correia, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição.

No dia 17 foi registada na mesma administração uma filhinha do sr. Augusto Pereira Faria, e da sr.^a D. Joaquina Rita Soares, que recebeu o nome de Etelvina. Foram testemunhas os srs. Julio Marques Ferreira e Antonio Francisco Borges.

2.º bairro — N'esta administração foi resgistada no dia 23 uma filhinha do Sr. Pedro Rodrigues Dias, recebendo o nome de Aurora. Foram testemunhas os srs. Daniel da Silva e Victoriano Ferreira da Silva.

BARREIRO.—Foi registado no dia 10, na respectiva administração, o nascimento de um filho do sr. Francisco Ignacio Nunes. Recebeu o nome de Francisco.

O sr. Domingos Antonio, tambem registou no dia 28 na mesma administração o nascimento d'um seu filho, sendo testemunhas o sr. Antonio Joaquim e José Elias Lijorne.

CASTRO VERDE.—Registou-se na administração d'este concelho um filho do sr. Domingos Piteira Gomes, recebendo o nome de Antonio. Foram testemunhas os srs. Manuel Vaz Nobre Figueira, e José Francisco Collaço.

SETUBAL.—Falleceu n'esta localidade o sr. Lourenço Pinto Ramos que por sua expressa determinação foi depositado civilmente no jazigo do ex.^{mo} sr. Manuel José Netto. A auctoridade exerceu pressão, mas foi vencida. Uma grande multidão de povo acompanhou o cadaver ao cemiterio.

EVORA.—No dia 20 foi registado na administração d'este concelho o nascimento de um filho do sr. Jeronymo José da Silva, que recebeu o nome de Hermenegildo Roberto. Foram testemunhas d'este acto, os srs. José Maria Leão e Luiz Antonio de Mello.

SALVATERRA.—Foi enterrado civilmente no dia 23, um filho do sr. Nuno Raposo.

PENICHE.—Na administração d'este concelho, foi no dia 12 registado o nascimento d'um menino, filho de D. Angel Morari Moreno e de D. Gertrudis Martin Martin, recebendo o nome de Juan. Foram testemnnhas D. Juan de Quiroga y Lavalle e Francisco Salinero Castro. É o primeiro registo que se faz n'esta localidade.

EXPEIDIENTE

Por abundancia de materia fomos obrigados a retirar á ultima hora alguns artigos, entre os quaes a continuação do estudo do nosso collega José de Sousa — *Santa Thereza de Jesus*.

Que elle e os demais collaboradores nos desculpem.

O *Livre Exame* renova o seu pedido a todos os seus assignantes e leitores da fineza de lhe enviarem, mesmo em bilhete postal, a noticia de qualquer registo civil de nascimento, casamento ou obito, de que tenham conhecimento e que ocorra em qualquer localidade. N'esta noticia convém muito indicar os nomes das testemunhas e circumstancias que se deram no acto do registo ou enterro dos nossos correligionarios.

Desejamos ampliar quanto possivel esta secção e ir assim archivando factos para podermos, no fim do anno, formular uma estatistica exacta.

Pedimos tambem aos nossos leitores e assignantes que nos transmitam noticias a respeito das prepotencias clericas e fanaticas dos padres e auctoridades, para lhes proporcionar a devida correcção, assim como não hesitaremos em elogial-os quando secundem as aspirações liberaes ou emancipação dos padres.

Nós não podemos advinhar o que ocorre no paiz e por isso urge que nos participem factos comprovados, afim de lhes dar a devida publicidade. Saberemos guardar as reservas devidas em taes casos e estamos n'este logar para fazer justiça e defender e propagar a verdade.

O LIVRE EXAME

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Lisboa—Rua da Magdalena, n.º 119—Lisboa



Condições de assignatura em todo o paiz

3 mezes	120 réis
6 »	240 »
1 anno	480 »

Pagamento adiantado